

O ciclo do contato

Temas básicos na
abordagem gestáltica

JORGE PONCIANO RIBEIRO



O CICLO DO CONTATO

Temas básicos na abordagem gestáltica

Copyright © 1997, 2007, 2019 by Jorge Ponciano Ribeiro

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Campos**
Capa: **Alberto Mateus**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Diagramação: **Santana**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Nota do autor (1997)	9
Palavras do autor (2007)	11
Palavras do autor	13
1. A natureza do contato	17
2. O ciclo do contato	41
3. Campos e ciclo do contato	64
4. Aplicação prática do ciclo do contato: Gestalt organizacional	167
5. Contato, uma ponte entre teoria e prática: síntese das teorias e filosofias de base	191
Referências	205

Nota do autor (1997)

Tenho o prazer de colocar em suas mãos a segunda edição de *O ciclo do contato*, revista e ampliada.

A urgência de uma primeira edição surgiu da necessidade de garantir a originalidade de um trabalho e, portanto, os direitos autorais de ideias amplamente divulgadas por mim ao longo dos treinamentos que venho desenvolvendo em diversas partes do país.

O texto anterior, apropriado e útil para os objetivos a que me propus, deixa, no entanto, a desejar, sobretudo no que diz respeito a uma melhor fundamentação da teoria do contato.

O presente texto é amplo, mais crítico, amadurecido, e fundamenta mais solidamente a teoria do contato, dos fatores de cura e a relação de ambos com o conceito de *self*.

Espero, por isso, que lhe seja mais útil.

Palavras do autor (2007)

Temos o imenso prazer de colocar em suas mãos uma edição de *O ciclo do contato* revisada e melhorada. Entre outros objetivos, queremos deixar claro que este texto trabalha, com base no método fenomenológico, o conceito de campo, de círculo, de ciclo, de mecanismo de cura e bloqueio do contato e de *self*, e que esse conjunto de construtos forma o que chamo de Teoria do Ciclo do Contato. Não estamos falando só de ciclo do contato e *self*, estamos falando disso também, pois nosso objetivo é desenvolver um modelo que se aplique tanto a situações clínicas quanto a outras práticas que possam se fundamentar em nossas teorias e filosofias de base. Não temos intenção de teorizar, pois isso nos colocaria no campo da filosofia. Estamos trabalhando um modelo que possa operacionalizar nossa prática clínica; portanto, estamos falando de método.

Preparamos um capítulo introdutório que visa pontuar o sentido e o significado deste texto e se propõe dar uma direção à leitura que se seguirá, permitindo ao leitor ter, ao mesmo tempo, uma teoria de base e uma orientação prática de como lidar com o conceito de contato. Introduzimos novos

modelos e modificamos ligeiramente os antigos, tornando mais clara, espero, a noção de campo, que é o lócus no qual o contato ocorre, e de ciclo, que é o modo humano como os humanos fazem o ciclo por meio do contato.

De certo modo, posso dizer que passamos de um conceito estrito de *ciclo do contato* para o de *ciclos do contato* e que, sem perder a perspectiva anterior, avançamos no sentido da ampliação da compreensão do que é contato – como um jeito de existir, mas também como um real investimento de trabalho.

Palavras do autor

Caros amigos,

tenho o prazer de colocar em suas mãos mais uma versão atualizada de *O ciclo do contato*. Sempre desejei rever este texto e, ao lê-lo e estudá-lo, sentia falta de alguns conceitos que o tornariam mais operacionalizado, mais completo e mais funcional.

Somos o resultado, em andamento, das estradas que percorremos, das opções que fizemos, dos horizontes que nos *pro-vocaram*, das escolhas, dos *com-tatos* que nos fascinaram. Fizemos ajustamentos criativos, ora funcionais, ora disfuncionais, resultados de como experienciamos nossas percepções, nossas intuições. Fizemos, portanto, escolhas de como vivemos o espaço e o tempo, escolhas de como experienciamos o espaço-tempo – dimensões humanas ora visíveis, ora invisíveis.

Contato: realidade primeira para além do toque. Fruto de uma totalidade, espelha a experiência humana, fruto de diálogos, às vezes, impossíveis entre o visível e o invisível, a evidência e o mistério, na busca de uma unidade, de uma indivisibi-

lidade também extremamente difícil entre clássicas dicotomias, como sujeito e objeto, essência e existência, parte e todo, figura e fundo.

Contato é uma busca estrutural, a busca de uma ontologia operacionalizável, é a experiência de uma visada além das partes constitutivas de uma totalidade. Só assim uma configuração é uma Gestalt e uma Gestalt é uma configuração.

Dizer que faz Gestalt ou que é gestaltista está muito longe de se dizer Gestalt-terapeuta ou que faz Gestalt-terapia, porque é a mágica junção desse hífen (-) que cria a transcendental totalidade na qual as partes visíveis, Gestalt e terapia, desaparecem na organização, articulação e na unidade da força misteriosa do invisível, formando nossa postura acadêmico-profissional: somos Gestalt-terapeutas.

O que há de profundo na *gestalt*, nosso ponto de partida, não é a ideia de significação, mas a de estrutura, junção de uma ideia e de uma existência indiscerníveis, arranjo contingente por cujo intermédio os materiais se põem a ter sentido para nós, a inteligibilidade em estado nascente. (Merleau-Ponty, 1960, p. 223)

Não sendo essência nem ideia, não sendo dada a um espírito nem constituída por ele, uma *gestalt* também não é uma coisa, mas uma dimensão do ser, pois, como já escrevia [Merleau-Ponty] em *Introdução à estrutura do comportamento*, “a forma não é uma realidade física, mas um objeto de percepção” e “não pode ser definida em termos de coisa, mas como um conjunto percebido” (Chauí, 2002, p. 230).

Lendo este texto agora, fico feliz com o trabalho feito e espero que você também se sinta mais instrumentalizado ao trabalhar com ele. Trabalhei melhor a ordem em que os assuntos se sucedem, aprofundei a questão da espacialidade e da temporalidade e, concomitantemente, o conceito de *self*. As figuras estão melhores do ponto de vista estético; os processos de bloqueio ou interrupção do contato, mais bem elaborados.

Introduzi dois conceitos que são fundamentais para uma visão mais dinâmica e ontológica do contato: a questão da voz média e dos existenciais animalidade e ambientalidade – propriedades humanas esquecidas ao longo de nossa evolução tecnológica, cultural, existencial e espiritual.

O texto está enriquecido por inúmeras citações, o que o tornou mais próximo do que outros autores também pensam a respeito do contato. Esta é a quarta versão de *O ciclo do contato*. E, em cada uma, amplio e aprofundo uma visão de mundo, de pessoa e da natureza do contato que foram fazendo mais sentido para mim ao longo de minha evolução acadêmica, científica e como pesquisador.

Na razão em que compreendia melhor a função de um diagnóstico e de um prognóstico, tema principal deste livro, caminhei mais assertivamente na direção de uma visão de campo, holística e fenomenológica que caracteriza este trabalho.

Escrevi outros livros e, ao escrevê-los, dialogava com partes minhas que, intuitivamente, me levavam na direção de sentir, de pensar, de fazer e de falar do contato como aquilo que pudesse responder às necessidades ou perguntas daqueles que querem fazer uma Gestalt-terapia de qualidade.

O ciclo do contato é meu instrumento pessoal de trabalho. Eu o leio e releio como um escultor que nunca dá por terminada sua obra – e isso só acontece quando a obra nasce mais do coração do que do pensamento do artista.

Jorge Ponciano Ribeiro
Brasília (DF), 10 de fevereiro de 2019

1.

A natureza do contato

[...] *Todo contato é ajustamento criativo do organismo e ambiente. Resposta consciente no campo (como orientação e como manipulação) é o instrumento de crescimento no campo. Crescimento é a função da fronteira de contato no campo organismo/ambiente; é por meio de ajustamento criativo, mudança e crescimento que as unidades orgânicas complicadas persistem na unidade maior do campo. [...] Contato, o trabalho que resulta em assimilação e crescimento, é a formação de uma figura de interesse contra um fundo ou contexto do campo organismo/ambiente.* (Perls, Hefferline e Goodman, 1997, p. 45)

Contato, portanto, supõe um movimento dinâmico de orientação e manipulação, de mudança e crescimento como formas de ajustamento criativo na relação organismo/ambiente, ou seja, como experiência de fronteira.

Contato, processo pelo qual me dou conta, por meio de uma percepção imediata e implícita, de que sou corpo-ambiente, de que existo no mundo ou, melhor, sou o mundo, o

mundo sou eu – e que essa relação, uma relação ontológica, me constitui como uma presença espaçotemporal, visando ao meu crescimento através de um processo de assimilação, de entrega entre meu organismo (meu corpo mundano) e o ambiente (meu mundo pensante), como um processo de ajustamento criativo.

O contato contém, ainda, do ponto de vista relacional, a ideia paradoxal de *união e separação*, sem que tal processo implique uma dicotomia, de tal modo que união e separação são funções paralelas de contato; isto é, o conceito de contato está necessariamente ligado aos conceitos de união e separação. O modo como as pessoas se encontram ou se desencontram revela o como de seu engajamento numa relação, a qual torna visíveis o grau e o nível de equilíbrio organísmica que elas codividem e que procede do processo de união e separação com que se relacionam. Se se conhece o modo como alguém faz contato, conhece-se também o nível de encontro e separação com que se aproxima das coisas ou pessoas.

Por meio do contato posso pensar minha existência e a do outro, pois fazer contato supõe, de um lado, que eu possa me ver como indivíduo, como um ser separado, sozinho no universo, e, de outro, que o nós é a confirmação da existência de uma comunhão maior. Quando estou só, posso estar em contato comigo mesmo ou não; quando estou com os outros, posso estar em contato com eles ou não, embora, até certo ponto, esteja sempre em contato com o outro, independentemente de minha vontade.

Crescimento e excitação são função do contato, não se podendo pensar contato sem que, implicitamente, se pense em crescimento. Para que isso ocorra, é preciso, espontaneamen-

te, deixar-se levar pelo fluxo do encontro com o outro, com a vida, e acreditar no contato como gerador de mudanças e de possibilidades novas. Por meio do contato, encontro-me com minha coragem, meus medos, minha esperança. Por meio dele me reconheço possível e viável.

Desajuste, ao contrário, é a interrupção do contato como fluxo e elã vitais, é boicote ao processo que está no centro da natureza humana como expressão do encontro de diferentes realidades, em que uma se sobrepõe a outra, tentando destruí-la.

Contato é um ato de autoconsciência totalizante, envolvendo um processo no qual as funções sensoriais, motoras e cognitivas se unem, em complexa interdependência dinâmica, para produzir mudanças, crescimento, ajustamento criativo na pessoa e na sua relação com o mundo, por meio da energia de transformação que opera em total interação na relação sujeito-mundo, organismo/ambiente.

O contato pleno, fruto dessa totalidade fenomênica, é, por natureza, mobilizador, porque envolve intencionalidade e responsabilidade. Uma vez estabelecido, as partes envolvidas ficam em dependência uma da outra, como metades de uma realidade única, como figura e fundo em um processo de percepção.

Na natureza do contato estão incluídos valores, desejos, negações, memórias, antecipações, que operam no momento em que o encontro se dá e estão operando sempre, num nível não consciente, por uma matriz mental, interna, subjetiva, como uma antecâmara onde o encontro eu-mundo ocorre primeiro.

Nossas reações passam inconscientemente por essa matriz antes que delas sejamos conscientes, e são produto dessa relação matriz-objeto percebido, mental ou fisicamente. Esta-